



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional
Trabalho de Conclusão de Curso

Vitor Gabriel Ferreira da Rocha

Do riso ao ódio: a transfobia recreativa dos memes no Instagram

Brasília - DF

2023

Vitor Gabriel Ferreira da Rocha

Do riso ao ódio: a transfobia recreativa dos memes no Instagram

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientador (a): Gisele Pimenta de Oliveira

Brasília - DF

2023

Vitor Gabriel Ferreira da Rocha

Do riso ao ódio: a transfobia recreativa dos memes no Instagram

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovado pela Banca Examinadora em Fevereiro de 2023.

Prof. Dr.(a) Gisele Pimenta de Oliveira
Orientador (a) - FAC/UnB

Prof. Dr.(a) Elen Cristina Geraldes
FAC/UnB

Prof. Dr.(a) Márcia Marques
FAC/UnB

Prof. Dr.(a) Luiza Spíndola Amaral
Suplente FAC/UnB

Resumo: O artigo tem como objetivo debater sobre a transfobia recreativa presente em memes publicados em perfis no Instagram. Discute-se o conceito de transfobia recreativa pela perspectiva de Renata Carvalho (2021), discute-se sobre o discurso de ódio nas redes sociais digitais (AMARAL; COIMBRA, 2015) e apresenta-se questões relacionadas ao uso do humor como instrumento para reforçar estereótipos e reproduzir discriminações e preconceitos (CARVALHO, 2021; BENEVIDES, 2022) contra pessoas trans. Tal discussão ancora-se na análise qualitativa exploratória (AMARAL; BARBOSA; POLIVANOV, 2015) de publicações de seis perfis anônimos no Instagram, guiada por quatro eixos de observação (CARVALHO, 2021): a) discriminação estética; b) sexualização de corpos; c) questionamento da identidade feminina; d) percepção social exotificada. Como resultados, percebe-se que os memes transfóbicos estimulam a discriminação e a exclusão social de pessoas trans e reforçam estereótipos negativos de corpos trans/travestis.

Palavras chaves: transfobia recreativa; discurso de ódio; memes; Instagram.

Abstract: The article aims to discuss recreational transphobia present in memes published on Instagram profiles. The concept of recreational transphobia is discussed from the perspective of Renata Carvalho (2021), the hate speech in digital social networks is discussed (AMARAL; COIMBRA, 2015) and questions related to the use of humor as a tool to reinforce stereotypes and reproduce discrimination and prejudice (CARVALHO, 2021; BENEVIDES, 2022) against trans people. This discussion is anchored in the exploratory qualitative analysis (AMARAL; BARBOSA; POLIVANOV, 2015) of publications of six anonymous profiles on Instagram, guided by four axes of observation (CARVALHO, 2021): a) aesthetic discrimination; b) sexualization of bodies; c) questioning of female identity; d) exoticized social perception. As a result, it is clear that transphobic memes encourage discrimination and social exclusion of trans people and reinforce negative stereotypes of trans/transvestite bodies.

Keywords: recreational transphobia; hate speech; memes; Instagram.

Introdução

O presente estudo tem como foco principal abordar a transfobia recreativa dos memes no Instagram¹. O termo *transfobia recreativa* é um paralelo ao conceito de *racismo recreativo*, trabalhado por Adilson Moreira (2019) em livro homônimo. Pela definição do autor, o racismo recreativo é “um projeto de dominação” que busca reproduzir “relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor² como expressão e encobrimento de hostilidade racial” (2019, p. 78). Significa dizer que as práticas racistas camufladas

¹ O Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

² O humor e a piada, aparentemente inofensivos, são frequentemente utilizados como uma forma aceitável de transfobia, uma vez que se camuflam na desconstrução e no intuito de fazer rir.

pelo humor – e pelo riso – são estratégias de violência simbólica³ que perpetuam privilégios exclusivos aos brancos. Tal posse garante “acesso privilegiado a oportunidades materiais”, pois é uma lógica que chancela as pessoas brancas como “as únicas capazes de atuar como agentes sociais competentes” e também dignas de respeito (MOREIRA, 2019, p. 78).

A antropóloga Renata Carvalho (2021) aborda especificamente a expressão da transfobia recreativa, conceituando-a como a utilização do humor como objeto de perpetuação e propagação intencional de estereótipos⁴ negativos, satirizando, depreciando ou ridicularizando “travestis e demais pessoas trans, a partir de suas subjetividades, corpos, vivências, experiências e/ou identidades” (CARVALHO, 2021 p.102).

Em meio a esse cenário, neste artigo, parte-se para a percepção de como o humor, característica constituidora dos memes, pode encobrir discursos de ódio nas redes sociais digitais, espaços que ampliaram a possibilidade não só de consumir, mas também de produzir, reproduzir e compartilhar conteúdos relacionados a praticamente todos os temas. Entende-se como discurso de ódio todo discurso discriminatório baseado em relações de poder dicotômicas, em que o indivíduo do grupo social dominante expressa esse discurso, direcionando-o a um indivíduo do grupo social oprimido (LEAL DA SILVA et al., 2011).

Portanto, diante do papel exercido pelas redes sociais como plataformas contemporâneas para a divulgação de informações e construção de visões e posicionamentos acerca de temas sociais, discutiremos a criação, a publicação e a circulação de memes enquanto articuladoras e promotoras da intolerância e da discriminação contra determinados grupos.

Para isso, o objetivo dessa pesquisa é discorrer sobre a transfobia recreativa presente em memes transfóbicos (re)produzidos em perfis anônimos no Instagram. Parte-se da premissa que essas imagens com potencial de viralização propagam discursos de ódio que, camuflados pela ideia de humor, contribuem para a construção de uma imagem marginalizada e/ou estereotipada dessas pessoas.

³ Na visão do sociólogo Pierre Bourdieu, a violência simbólica é o mecanismo que naturaliza as posições, ideias e representações sociais dominantes. Seria uma forma eficiente de manter a adesão social às “regras” e lógicas de funcionamento ditadas pelos grupos de agentes ou instituições dominantes, responsáveis pela perpetuação de práticas e maneiras próprias de enxergar o mundo, o elo que mantém posições e poder desses estratos. (BOURDIEU *apud* VASCONCELLOS, 2002)

⁴ Estereótipos são ideias generalizadas e simplificadas sobre um grupo ou indivíduo, baseadas em características superficiais como aparência, gênero, etnia, orientação sexual, entre outras.

Especificamente, o intuito é observar se (ou como) esses memes associam a travestilidade/transexualidade ao “caricato, risível, negativo, falso, patológico, sexual, criminal, com moralidade inferior” (CARVALHO, 2021 p.102), culminando na ausência de humanidade na representação de trans e travestis.

A metodologia utilizada compreendeu uma análise qualitativa exploratória dos memes de mulheres transexuais e travestis produzidos e compartilhados no Instagram pelos perfis: *archives_transbb*, *fonsysopas*, *trans_anatomy*, *fofocas.trans*, *cabaredastravestis* e *catarrotrans*. A investigação inspirou-se no modelo de Amaral, Barbosa e Polivanov (2015), buscando os padrões de abordagens, iconografias e argumentos utilizados nos memes dessas páginas. A análise segue os quatro eixos propostos por Renata Carvalho (2021) sobre a usual representação de pessoas trans/travestis na arte e no humor, sendo eles: a) discriminação estética; b) sexualização de corpos; c) questionamento da identidade feminina; d) percepção social exotificada.

Os acervos de memes analisados nesta pesquisa tem o propósito de abordar aspectos relacionados à vivência de mulheres trans/travestis, sobre como a sociedade as enxerga e como a “assimilação” de suas representações baseiam-se em parâmetros estéticos e comportamentais cisgêneros discriminatórios e excludentes.

Inicialmente, conceituamos a transfobia relacionando-a com aspectos do discurso de ódio nas redes sociais. Em seguida, abordamos a intersecção entre os memes e a transfobia recreativa. E, por fim, apresentamos as análises dos perfis que compõem o corpus deste estudo.

Violência contra pessoas trans tem nome: transfobia

O termo transfobia refere-se a qualquer comportamento inferiorizador, degradante ou humilhante, incluindo agressões físicas, verbais, simbólicas, materiais, patrimoniais e/ou psicológicas cometidas com a intenção de violar direitos, negar acesso ou dificultar a vida dessas “pessoas”. O não reconhecimento da autodeclaração de gênero por pessoas transgêneros e transexuais também é considerado como transfobia. (BENEVIDES, 2022).

Reitera-se que, desde 2019, condutas transfóbicas, reais ou supostas, configuram-se como crime, equiparando-se aos crimes de racismo previstos na Lei Nº 7716/89. Com isso, a prática, incitação, discriminação ou preconceito motivada

pela identidade de gênero de uma pessoa prevê pena de um a três anos de reclusão, incluindo se forem cometidos em publicação na internet ou nas redes sociais. (BRASIL, 2023).

Segundo o Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2022), a ausência de dados também configura como mais uma marca da violência e impacta no desenvolvimento de políticas públicas nos direitos da população LGBTQIA +. De acordo com o jornal Carta Capital (2022), somente após interferência do Ministério Público Federal o Censo Demográfico⁵ realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) incluiu questões sobre orientação sexual e identidade de gênero, estáticas cumpre um papel significativo na efetivação de políticas públicas que a partir do conhecimento da quantidade e condições de vida dessas pessoas evidenciam-se questões sociais ainda invisíveis pelo poder público.

Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA⁶), o ódio direcionado a comunidade trans e travesti, especificamente nas redes sociais digitais, impacta diretamente na forma como as pessoas interagem com esses grupos fora do mundo virtual. Exemplo disso ocorreu em 2020, ano em que a pandemia de covid-19⁷ colocou parte da população em isolamento social, intensificando as atividades, contatos e interações on-line entre indivíduos. De acordo com a ANTRA, nesse período houve um aumento significativo da violência contra pessoas trans e travestis no ambiente virtual e, sobretudo, na quantidade de assassinatos e suicídios dessa população (BENEVIDES; YORK, 2021).

De acordo com o levantamento de assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022, o estudo aponta a morte de 151 pessoas, sendo que 131 foram assassinadas e 20 cometeram suicídios. Mesmo com os esforços das organizações que trabalham para monitorar e denunciar a violência contra a comunidade LGBTQIA +, ainda há uma grave falta de dados oficiais tanto demográficos quanto de acesso à saúde e impactos da violência. A invisibilização

⁵ O Censo Demográfico é uma pesquisa realizada pelo IBGE a cada 10 anos para coletar informações sobre a população brasileira e sua estrutura demográfica, social e econômica. As informações coletadas são usadas para planejamento de políticas públicas e estudos sociais e econômicos. Cf.: <https://www.ibge.gov.br/>

⁶ A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) é uma rede nacional que articula em todo o Brasil 127 instituições que desenvolvem ações para promoção da cidadania da população travestis e transexuais. Cf.: <https://antrabrasil.org/>.

⁷ A COVID-19 é causada pelo SARS-CoV-2 e foi detectada pela primeira vez na China em dezembro de 2019. O primeiro caso no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020 e desde então o país enfrenta desafios com a disseminação rápida do vírus. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>> acesso em 12 fev.2023.

dessa população é perpetuada pela subnotificação ou ausência de tipificação do tipo de violência. Além disso, é difícil obter informações sobre a situação dessa comunidade em estados e municípios brasileiros, que tendem a ser omissos em relação a essa questão. (BENEVIDES, 2023).

A chamada transfobia virtual – produzida e/ou disseminada por meio de qualquer tecnologia digital de comunicação e informação – é uma estratégia eficaz para alcançar diferentes grupos e impulsionar discursos de ódio contra a população trans e travestis. Por meio delas, forma-se “uma cadeia que se retroalimenta e alimenta outras ‘células’ de grupos que transitam entre si em ações coordenadas” (BENEVIDES; YORK, p.96, 2022). Ainda de acordo com Bruna Benevides e Sarah York (2022), as publicações transfóbicas se concentram, principalmente, no Twitter, Facebook e Instagram, além de fóruns anônimos e sites de troca de arquivos de imagem.

Essas ações ganham capilaridade na rede e alcançam grupos diversos, desde conservadores, religiosos e/ou segmentos da ultradireita às lésbicas, gays e bissexuais cisgêneros, como é o caso dos núcleos antitrans ou do feminismo radical trans-excludente (BENEVIDES; YORK, 2021). Entre os impactos dos discursos anti-trans interpenetram a vida de pessoas trans no ambiente virtual, no ano de 2020 em relação ao ano de 2019 houve o aumento de 48% na piora da saúde mental, como episódios de ataques de ansiedade e surtos de depressão, 22% excluíram suas redes sociais, 20% sentem medo ao sair nas ruas e sofrer represálias e 8% sentem medo de serem expostas (BENEVIDES, p.100, 2021).

A comunicação e as redes sociais ampliaram as possibilidades de interação entre as pessoas, que por meio do uso de smartphones passaram a interagir entre si em tempo real, em rede e de qualquer lugar do mundo. Uma rede social é constituída por pessoas, instituições ou grupos que constroem e mantêm laços sociais. “Essas estruturas permitem aos sujeitos estabelecer conexões e consequentemente interações sociais, a interação, por sua vez, pode ser mútua (ator-ator) ou reativa (ator-máquina)” (PRIMO, 2007 *apud* AMARAL; COIMBRA, 2015, p.298).

Identidade de gênero e discurso de ódio

A inferiorização da identidade de pessoas trans, assim como o desejo de manter essa população invisibilizada e em um lugar subalterno, gera engajamento

nas redes sociais e tem contribuído para a vulnerabilização e criminalização dessas pessoas. Os casos de transfobia também são reproduzidos em memes de perfis no Instagram, Twitter, TikTok, Facebook e grupos de WhatsApp/Telegram, de acordo com a pesquisa SaferNet⁸.

O neonazismo, pornografia infantil e crimes de ódio – que incluem violência contra a mulher, homofobia e racismo – explodiram na internet nos últimos três meses, mostra um levantamento feito a pedido do Intercept pela Safernet. Os dados levantados pela ONG, que monitora violações de direitos humanos na internet, mostram que o período entre março e julho de 2020, os primeiros três meses de pandemia, foi marcado por um aumento astronômico de crimes online. (OLIVEIRA, 2021 *apud* CARVALHO, 2021 p.96).

Entre as novas maneiras, formas de comportamentos ou manifestações culturais e sociais advindas com ascensão da internet, é relevante para esse trabalho a abertura de espaços e lugar de fala para pessoas que, antes, não se sentiam representadas. Além de “transitar” com mais liberdade, elas descobriram na rede outras pessoas com ideias semelhantes e conteúdos que lhes interessam. Todavia, esse tipo de organização no ambiente digital beneficia tanto os grupos historicamente marginalizados pela sociedade quanto os segmentos extremistas, que encontraram na internet espaços “seguros” e “protegidos” para sua auto organização, incluindo a articulação e práticas de ataques, violências e crimes.

Isso porque são pouquíssimos e ineficazes os instrumentos de regulação ou moderação de conteúdos produzidos e difundidos na rede, permitindo o livre e nem sempre adequado compartilhamento de ideias e opiniões. Nem mesmo a criação de perfis em redes sociais garante que as informações de determinado usuário (como nome, idade, gênero, foto etc) sejam verdadeiras. Alguns usuários podem, inclusive, criar perfis falsos e se manter no anonimato, culminando em comportamentos diferentes dos usuários “reais”.

O incipiente controle e responsabilização das práticas criminosas, nocivas, excludentes e/ou discriminatórias no ambiente digital impulsionam a violência contra grupos ou indivíduos específicos. É considerado discurso de ódio quando esses atos visam marginalizar, oprimir ou desrespeitar diferenças de raça, religião, gênero, orientação sexual, idade, entre outros aspectos.

Segundo as pesquisadoras Adriana Amaral e Michele Coimbra (2015), a disseminação dos discursos de ódio nas redes gera discriminações e humilhações

⁸ A Safernet é a ONG referência na promoção e defesa dos direitos humanos na Internet no Brasil. Cf.: <https://new.safernet.org.br/>.

que implicam na estereotipização de indivíduos, reforçando imagens e crenças preconcebidas e preconceituosas sobre determinados grupos. Ou seja, criam estigmas sociais, crenças que se tornam realidade quando compartilhadas por meio dos discursos.

O discurso de ódio cria, portanto, segregações fundamentadas na categorização de grupos sociais que, por sua vez, tornam-se obstáculos para o exercício de direitos fundamentais e tudo o que é necessário para uma qualidade de vida positiva e autônoma para minorias (PEDRA, 2018).

Sendo nossa sociedade baseada nos relacionamentos heteronormativos⁹ entre pessoas cis, torna-se muito mais oportuno que o sistema de dominação conceda privilégios para aqueles que se enquadram nesse padrão e atendem às expectativas impostas – e a identidade de gênero cis e a heteronormatividade são apenas dois exemplos desses padrões exigidos. Nesse sentido, os discursos de ódio interpenetram a vivência de pessoas trans tornando-as sujeitos de submissão nas relações com pessoas heteronormativas, por exemplo.

Este trabalho defende, incondicionalmente, a pluralidade nas formas de existir. Apoiar e reconhecer essas múltiplas identidades e orientações de cada pessoa é fundamental para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. Então, explicamos didaticamente que a identidade de gênero é a forma como uma pessoa se identifica e se expressa em relação ao seu gênero, que pode ser diferente do sexo biológico no qual foi designada ao nascer. É uma compreensão interna e pessoal de si mesmo. Já a orientação sexual é a atração emocional, afetiva e/ou de uma pessoa por outras. No Brasil, a discussão sobre a diversidade e as formas de compreender gênero e orientação sexual ainda precisa de mais visibilidade e de conhecimento por parte de todos. De acordo com Bruna Benevides (2021), para muitas famílias, ter uma pessoa trans dentro de casa é muitas vezes o primeiro contato dos indivíduos com alguém transgênero. Isso quando essas pessoas não são expulsas, abandonadas, violentadas ou rejeitadas, pois são fortes e enraizados os preconceitos advindos dos estigmas perpetuados pelas narrativas anti-trans e de ódio religioso, além do medo de situações e condições completamente desconhecidas por muitos.

Nesse estudo, contemplaremos os componentes sobre as representações de

⁹ A heteronormatividade é a ideia socialmente dominante de que todas as pessoas são ou devem ser hétero, ou seja, atraídas por pessoas do sexo oposto.

mulheres trans/travestis em memes no Instagram, entendendo que o discurso de ódio, explícito ou camuflado, contra essas pessoas difundem mensagens específicas. Em geral, as mulheres trans/travestis são associadas a estereótipos negativos que relacionam suas a imagens caricatas e/ou exóticas, quase sempre colocando seus corpos em evidência, sendo estes apresentados como promíscuos, pecaminosos, hipersexualizados. Estereótipos que sempre reforçam a ideia de que as identidades e corpos dessas mulheres são uma farsa e induzem à crença social de que as pessoas transgêneros não vivenciam todos os aspectos de sua humanidade (BENEVIDES; YORK, 2021; CARVALHO, 2021). Dito de outro modo, é forte, simbólica e violenta a ideia de que as pessoas trans são aquilo – e apenas aquilo – que os estereótipos evidenciam, e suas existências acabam relegadas e condicionadas a isso, restringindo o reconhecimento social de outras necessidades e outras existências, como “raça, cor, classe social, origem, religião, idade, uma bagagem de vivências, para além da sua condição enquanto trans e/ou travesti” (JESUS, 2012, p.7).

A cultura dos memes e a transfobia recreativa

O termo “meme” foi criado fora do ambiente digital, ainda na década de 1980, pelo biólogo Richard Dawkins, dentro do que ele chama de princípio do “egoísmo genético” da cultura. Dawkins propõe que os fenômenos culturais são exemplos mais amplos de meme, pois envolvem replicações, comuns no cotidiano do ser humano, como: “melodias, idéias, slogans, modas de vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (1979, p. 112). O meme, então, é algo fácil de replicar e, assim como o gene, salta de corpo para corpo, carregando informações.

Mimeme provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada à “memória”, ou à palavra francesa mème. (DAWKINS, 1979, p. 112).

Segundo Viktor Chagas (2020), entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2000, com o avanço do acesso a internet, o termo começa a ser utilizado para se referir às produções de humor realizadas nos ambientes digitais e rapidamente ganha alcance nos fóruns de discussões on-line. De acordo com Natália Horta (2015), o primeiro uso registrado do termo “meme” na internet foi em 1998, quando

Joshua Schachter criou o site Memepool, com uma coleção de links virais e outros conteúdos que os usuários podem postar e compartilhar com outras pessoas. Em analogia à ideia de Dawkins, é como se na internet os memes saltassem de cérebro para cérebro.

Limor Shifman (2014) propõe três características básicas para entender os memes: sua forma, seu conteúdo e sua postura comunicativa. Ele define memes como "a) grupos de itens digitais que compartilham características comuns em termos de conteúdo, b) forma e/ou postura, que foram criados com conscientização uns dos outros, c) imitados e/ou modificados na internet por muitos usuários" (SHIFMAN, 2014 *apud* PORTO, 2018, p.34). Desta forma, a conceituação de Shifman sugere que os memes não são propriamente uma "unidade" de transmissão, mas um coletivo de conteúdos, que é possível reconhecê-los a partir de sua inserção em um conjunto de materiais similares.

A visão culturalista¹⁰ de Limor Shifman (2014) sobre a produção humana ajuda a compreender como o humor é usado no ambiente digital, permitindo observar o papel social desempenhado pela comunicação através de memes. Portanto, o resultado dessa interação entre usuários sobre um único objeto carrega uma complexa relação interdiscursiva entre um meme e seu contexto, que pode ser jornalístico, econômico, artístico, social, cultural etc. Ou seja, há mais do que imagens, textos e vídeos engraçados. Esses memes engendram discursos, posicionamentos, argumentos (visuais e textuais), crenças e narrativas sobre determinados temas e/ou grupos. No caso deste trabalho, buscamos observar se eles vinculam-se, implicitamente ou explicitamente, a informações falsas, imagens manipuladas e discursos de ódio contra pessoas trans, não raro configurando-se dentro do conceito de transfobia recreativa.

A "transfobia recreativa" é intentada a partir da percepção do racismo recreativo que consiste em utilizar o humor de maneira prejudicial para perpetuar estereótipos negativos e desrespeitar pessoas trans. De acordo com Renata Carvalho (2021), isso inclui a ridicularização, a depreciação ou a satirização de suas subjetividades, corpos, vivências, experiências e identidades. Essa forma de transfobia disfarça sua natureza discriminatória, preconceituosa e criminosa como

¹⁰A abordagem do culturalismo busca superar a divisão entre a natureza e a cultura, considerando-as como partes integrantes do mesmo fenômeno social. Desta forma, o culturalismo define os acontecimentos sociais a partir da perspectiva cultural. (EDITORA PORTO, 2023).

algo engraçado ou descontraído, contribuindo para a perpetuação das representações e imagens pejorativas, vexatórias e estereotipadas sobre pessoas transgênero.

De acordo com Renan Souza (2021), a transfobia recreativa surge como forma de entender o discurso cultural transfóbico que marginaliza experiências de pessoas trans. Isso ocorre porque a prática se desenvolve como uma extensão do poder do estado moderno – que está enraizado nas hierarquias raciais e de gênero. Também está relacionado à construção da sociedade em torno da inferioridade de grupos de pessoas sobre outros. Sendo assim, a transfobia recreativa é uma expressão do poder que oprime as pessoas trans, uma forma de injustiça social que considera as normas patriarcais e que reduzem o valor intelectual e moral do gênero.

Em relação ao humor, temos que compreender o contexto histórico do tipo de piada sobre pessoas trans reproduzidas pelos canais de comunicação em massa. Ilustramos com o caso da travesti Lacraia¹¹, dançarina do MC Serginho e fenômeno no início dos anos 2000. O *hit* “Vai Lacraia” se tornou um sucesso no país e virou trilha sonora nos jogos de vôlei de praia nas Olimpíadas de Atenas, em 2004. Também ganhou destaque na Rede Globo de Televisão, no seriado *A Grande Família* e no *Programa do Didi*, ambos do gênero humorístico.

Lacraia foi uma dançarina talentosa e bem-sucedida, mas gravemente afetada pela transfobia recreativa. Ela chegou a encenar um casamento falso no programa de televisão *Eliana*, no SBT, quando o suposto noivo se recusava a repetir as palavras do juramento ditas pelo padre, e isso era apresentado como algo engraçado. Apesar de todo sucesso, Lacraia era ridicularizada e, no mínimo, tratada com deboche, exemplo clássico de como o uso intencional do humor perpetua e dissemina estereótipos negativos sobre pessoas trans e travestis. Na época, era comum homossexuais e travestis serem chamadas pejorativamente de “lacraia”.

De acordo com Renata Carvalho (2021), o humor transfóbico tem sido um dos responsáveis pela reprodução da transfobia enquanto sistema de opressão. Há uma concepção pré-estabelecida na cultura brasileira do que é ser uma pessoa

¹¹ Lacraia, sucesso nos anos 2000, a travesti foi um marco no funk e assim como afirma seu ex-parceiro de palco, MC Serginho, “quebrou barreiras intransponíveis para o movimento LGBTQIA+” ao colocar-se na linha de frente contra o preconceito. Disponível em: <<https://www.mulher.com.br/comportamento/10-fatos-que-voce-nao-deve-saber-e-contam-a-importancia-da-lacraia-icone-dos-anos-2000>> Acesso em 29 jan. 2023.

trans/travesti, “uma construção social legitimada pelas ciências, pelo Judiciário, pela religião e pelo próprio Estado que afirmavam/afirmam essas imagens/narrativas” (CARVALHO, 2021, p.102).

Essas imagens são constantemente (re)produzidas e disseminadas na mídia, seja em jornais, revistas, rádio, internet, cinema, teatro, música e, principalmente, televisão, o principal meio de informação e comunicação da sociedade brasileira. Muitas pessoas não-trans só conhecem ou tiveram contato com pessoas trans/travestis por essas representações que são veiculadas pela TV. Considerando esse contexto histórico do humor transfóbico, é até previsível que os casos se repetiriam na internet. Os memes transfóbicos “ganham” as redes por meio de acervos e repositórios públicos, normalmente canalizados por algum perfil no Twitter ou outra rede social, nos quais são publicados imagens, vídeos e GIFS¹² satirizando, ridicularizando, ironizando e ofendendo mulheres trans/travestis. Muitas vezes, essas imagens e vídeos são montagens e adaptações feitas a partir de publicações extraídas dos próprios perfis pessoais dessas mulheres.

O modo de atuar desses “acervos” seguem um padrão: a manipulação de imagens e vídeos de mulheres trans/travestis, evidenciando a distorção corporal de características físicas associadas a fenótipos masculinos, como estatura, tamanho das mãos ou dos pés, nariz, pêlos, pomo de adão, odor, voz etc. (CARVALHO, 2021). Além disso, focam na estética do exagero, tornando a imagem de pessoas trans uma caricatura por sua vestimenta, maquiagem, gestos, comportamento e voz, tornando essas identidades em algo exótico.

Os memes geralmente vêm acompanhados de piadas legendadas, sexualizando e exotificando corpos, discriminando aspectos estéticos dessas mulheres e questionando a ausência de fenótipos ditos femininos como vagina, útero e ovários. Nas próximas seções, detalharemos essas representações a partir da análise qualitativa exploratória de seis perfis anônimos no Instagram, que podem ser considerados como um tipo de “acervo público” desses memes.

Metodologia e análises

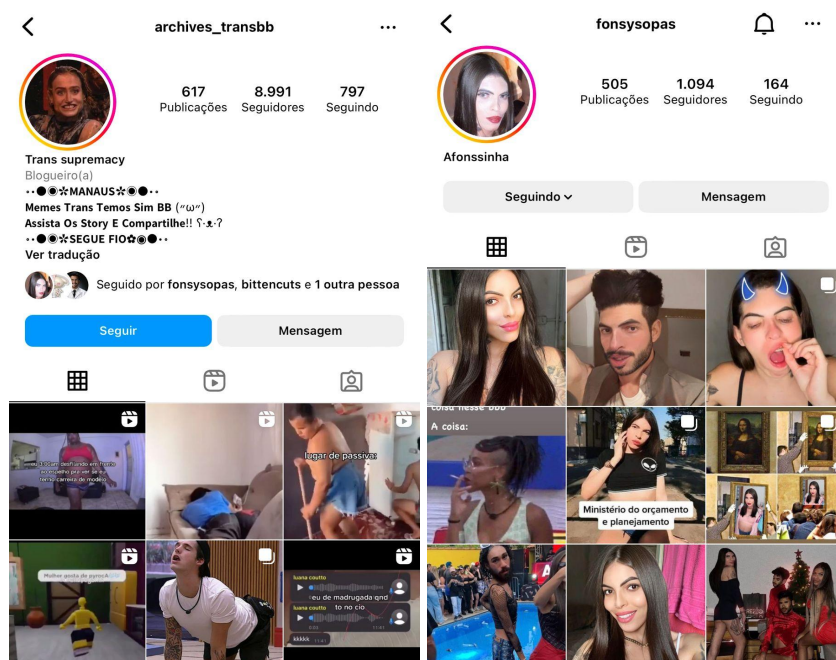
Aqui serão abordados os aspectos metodológicos da pesquisa realizada, descrevendo-se os procedimentos necessários e úteis para analisar memes transfóbicos publicados no Instagram. Para este trabalho, buscamos uma análise

¹² Graphic Interchange Images, sequência de imagens em looping.

qualitativa exploratória que permite compreender as manifestações de transfobia recreativa, latentes e expressas, em publicações de acervos de memes sobre mulheres trans. Analisaremos os perfis *archives_transbb*, *fonsysopas*, *trans_anatomy*, *fofocas.trans*, *cabaredastravestis* e *catarrotrans*, todos anônimos e ativos desde 2021 no Instagram. A quantidade de seguidores desses acervos influenciou a escolha dos perfis, pois representa fator potencial de viralização das publicações. Todavia, a motivação central para a seleção foi o padrão dos conteúdos postados: manipulação da imagem de mulheres trans com a intenção de causar o humor irônico e sarcástico. Eles utilizam termos transfóbicos e abordam temáticas que estão na agenda do momento das redes sociais, como reality shows, artistas da música pop e figuras políticas, estratégia que facilita a busca de conteúdo.

Esses elementos em comum é o que Carvalho (2021) chama de “desqualificação sistemática¹³” da imagem de corpos trans/travestis. Observaremos, então, como as publicações operam as principais narrativas, estereótipos e arquétipos sobre pessoas trans/travestis na arte e no humor: a) percepção social exotificada; b) sexualização de corpos; c) questionamento da identidade feminina; d) discriminação estética (CARVALHO, 2021).

Figuras 1 e 2 - Perfis *archives_transbb* e *fonsysopas*

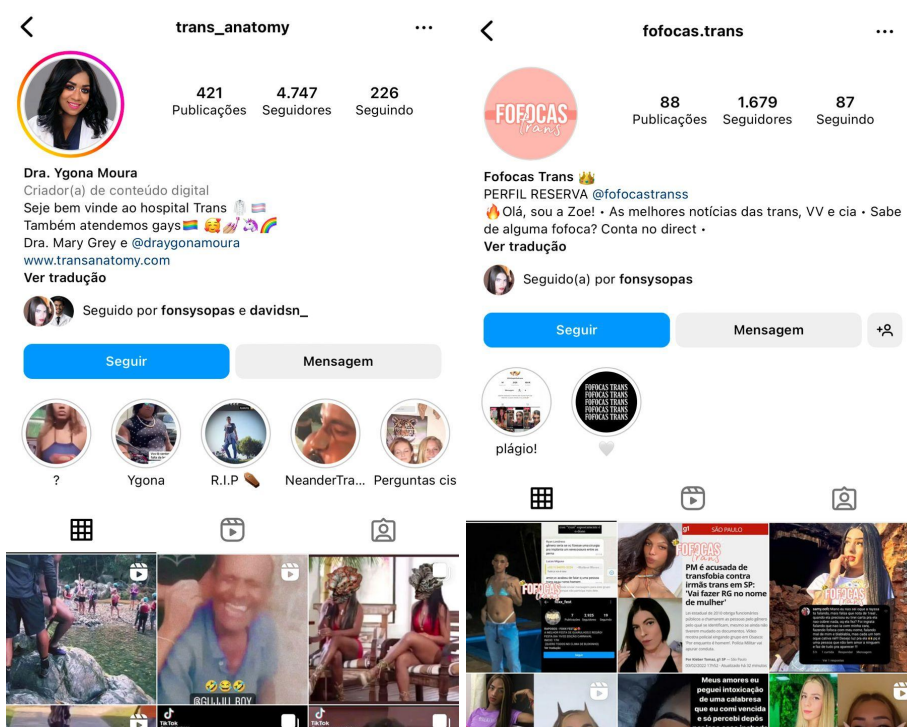


¹³ O cissexismo pode ser compreendido como a organização *c sistemática* de ações, noções discriminatórias e inferiorizantes de maneira institucional e/ou individual contra pessoas trans (CARVALHO, 2021 p.8).

Fontes: Perfis no Instagram @archives_transbb¹⁴ e @fonsysopas¹⁵

No momento da coleta de dados para esta pesquisa, o acervo *archives_transbb* (Figura 1) contava com 8.991 mil seguidores e 617 publicações. Na descrição da página inicial, o perfil destaca o foco em memes trans e, numa primeira análise, é perceptível que as produções contêm elementos de ironia e sarcasmo sobre corpos e comportamento de mulheres trans. Porém, o perfil também utiliza pessoas cisgêneros em suas produções de memes. O acervo *fonsysopas* (Figura 2) contava com 1.094 seguidores, 505 publicações e o *user* e o nome do perfil são uma referência ao nome morto¹⁶ da digital influencer Aghata Nunes¹⁷. Nesse acervo, as produções retratam exclusivamente mulheres trans/travestis e nota-se que os memes, na maior parte, são montagens que exotificam ou questionam a identidade feminina das vítimas¹⁸.

Figuras 3 e 4 - Perfis trans_anatomy e fofocas.trans



¹⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/archives_transbb/. Acesso em: 29 de jan. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/fonsysopas/>. Acesso em: 29 de jan. 2023.

¹⁶ Nome morto é o uso do nome civil ou outro nome anterior de uma pessoa transgênero ou não binária sem seu consentimento.

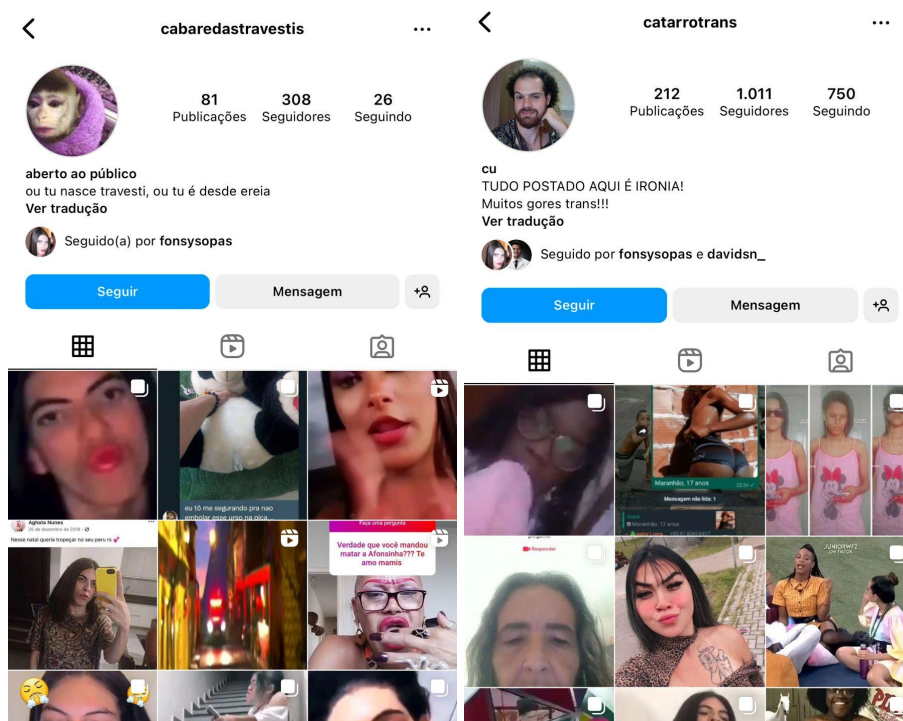
¹⁷ Aghata Nunes se tornou reconhecida nas redes sociais após publicar em seu perfil pessoal vídeos dançando músicas virais. Aghata é uma grande vítima da transfobia recreativa dos memes na internet e várias de suas fotos e vídeos se tornaram virais.

¹⁸ Nesta pesquisa a denominação de "vítimas" refere-se às mulheres trans que têm suas fotos e vídeos expostos sem consentimento ou autorização.

Fontes: Perfil no Instagram. @trans_anatomy¹⁹ e @fofocas.trans²⁰.

O acervo *trans_anatomy* (Figura 3) conta com 4.747 seguidores e 226 publicações. Conforme descrito no perfil, o foco são memes de um suposto hospital que realiza intervenções nos corpos de mulheres trans e ironizam também o atendimento a pessoas homossexuais. Observamos, pela foto de perfil, que as intervenções são realizadas com o intuito de transmitir uma imagem mais "passável" das pessoas trans, quer dizer, representações que enquadram essas pessoas mais próximas aos padrões cisgêneros da sociedade. Na Figura 4, temos o acervo *fofocas_trans*, perfil com 1.679 seguidores e 88 publicações que funciona como um tabloide de notícias falsas sobre mulheres trans. As produções utilizam a imagem das vítimas sem nenhum tipo de distorção, com legendas que contextualizam a publicação trazendo termos ou construindo inferências transfóbicas. Além disso, o perfil utiliza o formato de notícias de grandes portais noticiosos para dar o tom de veracidade aos conteúdos publicados, estratégia recorrente de perfis que promovem conteúdos falsos, manipulados e mentirosos.

Figuras 5 e 6 - Perfis cabaredastravestis e catarrotrans



Fontes: Perfis no Instagram @cabaredastravestis²¹ e @catarrotrans²²

¹⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/trans_anatomy/ acesso em:29 de jan. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/fofocas.trans/> acesso em:29 de jan. 2023.

²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/cabaredastravestis/> acesso em:29 de jan. 2023.

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/catarrotrans/> acesso em:29 de jan. 2023.

Na Figura 5, temos o acervo *cabaredastravestis* que conta com 308 seguidores e 81 publicações, cujo nome de usuário já explicita a abordagem sexualizada de corpos trans, foco do acervo. A descrição do perfil traz a seguinte frase: “ou tu nasce travesti, ou tu é desde ereia”, em referência ao orixá erê, representado por uma criança na religião de matriz africana Candomblé. O acervo *catarrotrans* (Figura 6) possui 1.011 seguidores e 212 publicações e o perfil deixa claro em sua descrição o humor irônico do conteúdo produzido, com “muitos gores trans”. O termo “Gore” refere-se a filmes de horror, caracterizado pela presença de cenas extremamente violentas, com muito sangue, vísceras e restos mortais de humanos ou animais. Desta maneira, o perfil faz uma associação direta do termo a travestilidade e transexualidade, como se estas fossem algo que gerasse “repulsa” ou relegadas a um contexto de violência, morte, horror e sangue.

Podemos observar que os acervos são apresentados de forma estratégica e seguem um padrão em suas descrições de perfil e nome de usuário, bem como suas publicações adotam estratégias estéticas e argumentativas semelhantes, quase todas exclusivamente direcionadas para a população trans. As imagens dos acervos apresentam dois enfoques principais: 1) adota uma construção narrativa irônica, debochada ou humorística sobre a realidade de mulheres trans, sugerindo que o público não-trans estão muito distante dessas mulheres e as enxerga/percebe pela ótica do exagero, da sexualização e de outros elementos que compõem os estereótipos o arquetipos trans; 2) manipulam a imagem das vítimas tornando-as "aceitáveis" de transfobia, deixando-as dentro dos padrões da sociedade cisgênero, dessa maneira “não seria visto como uma forma de preconceito/ discriminação, já que, como todo mundo, só estaria reproduzindo o que circula pela sociedade, eximindo o reprodutor de responsabilidade pelo ato” CARVALHO (2021, p. 104).

a) Percepção social exotificada

A percepção exotificada de corpos trans refere-se à discriminação ou julgamento negativo contra mulheres trans devido ao seu tamanho, forma ou aparência física que os “afastam” do padrão cisgênero de beleza ou dos corpos aceitos pela sociedade. Segundo Renata Carvalho (2021), as piadas transfóbicas na maioria das vezes são baseadas na aparência física das travestis e mulheres trans, incluindo altura, tamanho de mãos e pés, nariz, pelos, pomo de adão, odor, voz etc.

Figuras 7 e 8 - Meme Aghata Nunes e Meme Vianna



Fontes: Publicações no Instagram @archives_transbb²³ e @fonsysopas²⁴

Na Figura 7, temos uma montagem da Aghata Nunes relacionando-a ao estereótipo de “homem das cavernas²⁵”, com a seguinte legenda: “//Trans das (cavernas) mo”. A discriminação estética é um aspecto fundamental da transfobia recreativa, além de serem julgadas e criticadas por sua aparência física, é comum a utilização de “narrativas e performances que reforçam e atribuem a identidade de mulheres trans/travestis a uma identidade masculina” CARVALHO (2021, p.104). Já na Figura 8, temos a montagem de Vianna, travesti que se tornou meme na internet. A montagem foi publicada pelo perfil *fonsysopas*, com a intenção de criar humor ao distorcer o rosto de Vianna e colocar uma barba artificial, sob a seguinte legenda: “Noé²⁶ esperando abastecerem a Arca”, novamente uma associação com uma identidade masculina. Frisamos que esses memes distorcidos e vinculados a uma percepção exotificada são problemas recorrentes e que impactam no reconhecimento da identidade de gênero não cis.

b) Sexualização de corpos

Outro aspecto recorrente nos memes dessas páginas é a sexualização de corpos trans/travestis, retratando os corpos trans/travestis de maneira superficial e

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CVTz2cOFnm2/> acesso em: 02 de fev. 2023.

²⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CcRCyxdPZqR/> acesso em: 02 de fev. 2023.

²⁵ Personagem representativo do homem primitivo no Paleolítico.

²⁶ Noé é um personagem bíblico, o escolhido por Deus para construir uma arca e perpetuar a humanidade após o dilúvio.

reduzindo-os a objetos sexuais e ignorando a humanidade dessas pessoas. De acordo com Renata Carvalho (2021) a transfobia recreativa que sexualiza corpos afeta a reputação e a credibilidade social de pessoas trans/travestis, que têm sua imagem associada a objetos sexuais e até mesmo a prostituição, representações consideradas como imorais pela sociedade.

Figuras 9 e 10 - Memes Aghata Nunes



Fontes: Publicações no Instagram @cabaredastravestis²⁷ e @archives_transbb²⁸

Neste contexto, destacamos a Figura 9 do perfil *cabaredastravestis*. O meme trata-se de uma “promoção” no perfil que se auto-intitula um cabaré, termo que podemos interpretar como casa de prostituição. Na imagem, aparece uma cesta com fotos de Aghata Nunes e outra pessoa não identificada, cuja legenda traz: “Hoje é sexta, significa oq? Isso mesmooooo, PRO-MO-ÇÃO!!! Inclui 3 personalidade trans e um homossex. Tá passada? Corre e vem adquirir já o seu com 1100% de desconto Corre que são limitadaaas”.

Diante disso, a piada associa o corpo trans a objeto de sexo e de baixo valor. De acordo com Bruna Benevides (2022), há um histórico de sexualização excessiva e objetificação dos corpos trans, que são percebidos como fantasias sem subjetividade, vontade ou desejo, mas sempre disponíveis para quem os procura. A representação frequente desses corpos hipersexualizados evidencia que há um reconhecimento, mesmo que oculto, de desejo. Todavia, relega-se as pessoas trans

²⁷ Disponível em :<https://www.instagram.com/p/CQIAn6chOeO/> acesso em: 03 de fev. 2023.

²⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CTqCTXylate/> acesso em: 03 de fev. 2023.

apenas o lugar do desejo objetificado, desumanizado. E aos que consideram o envolvimento afetivo ou sexual com pessoas trans, constrói-se um sentimento de condenação ou repulsa, como se esse interesse fosse algo inimaginável, indesejável e proibido.

A Figura 10 traz outro meme que utiliza a foto de Aghata Nunes, publicado pelo perfil *archives_transbb* e acompanhado pela seguinte frase: “O meu marido está morto. Não quero voltar a casar, só quero sexo, achas que tens o que é preciso para esmagares a minha rata?”. Nesse contexto, Renata Carvalho (2021) conceitua que corpos trans/travestis são constantemente percebidos como promíscuos, insaciáveis, pecaminosos e destinados exclusivamente ao sexo. Memes que reforçam estigmas relacionados à prostituição e fortalecem a ideia de que os corpos trans seriam máquinas “bizarras” de fazer sexo.

c) Questionamento da identidade feminina

O questionamento da identidade feminina de corpos trans pode ser uma forma de negar ou desrespeitar a existência dessas pessoas. Muitas mulheres trans sentem que a sua identidade de gênero é fundamental para a sua saúde mental e bem-estar, e o questionamento ou a negação desse aspecto pode ser extremamente prejudicial. Nesse contexto, Dafne Campos (2014) defende que para mulheres trans se estabelecerem e serem reconhecidas por suas identidades femininas, elas precisam moldar sua aparência ao padrão socialmente aceito de "ser mulher". Em outras palavras, elas precisam "se passar" para serem vistas como tal.

Figuras 11 e 12 - Memes Victória Simonns, Luna Nunes e Aghata Nunes



Fontes: Perfis no Instagram @catarrotrans²⁹ e @fofocas.trans³⁰

Na Figura 11, vê-se o meme de Victória Simmons, digital influencer de moda com mais de 100 mil seguidores no Instagram. Publicada pelo perfil *catarrotrans*, é uma imagem irônica e manipulada que refere-se a um print³¹ ensinando como fazer uma aquedação, termo utilizado por mulheres trans, travestis e drag queens que desejam esconder ou ocultar o volume do pênis e testículos. O meme é descrito da seguinte forma: "Como faço minha bucinha trans! com fita (da pra enfiar um rato dentro!)".

Nesse contexto, o meme ironiza a identidade feminina que é constantemente questionada “pela ausência de vagina, útero, ovários” ou algum “fenótipo dito feminino” CARVALHO (2021, p.105). Ou seja, transfóbicos se apropriam da patologização³² produzida historicamente pelas ciências sobre a identidade de gênero de pessoas trans. Leonardo Tenório e Marco Prado (2016) abordam que o processo de transição de gênero, tanto corporal quanto social, coloca pessoas trans em uma posição vulnerável na sociedade, levando-as a conflitos internos e de disforia corporal.

Quanto à Figura 12, o meme publicado pelo perfil *fofocas.trans* é uma montagem ironizando e questionando os nomes de registro das irmãs Luna Nunes e Aghata Nunes. A imagem se destaca com a seguinte manchete: “PM é acusada de transfobia contra irmãs trans em SP: vai fazer RG no nome de mulher”. Diante disso, a forma desrespeitosa que o meme questiona a ausência do nome dito feminino no registro posicionam as vítimas dentro de uma notícia falsa, prejudicando o autoconhecimento e expressão de si mesmas e reproduzindo preconceitos e discriminações que reduzem a identidade das pessoas a dois grupos biológicos, determinados pelo nascimento.

d) Discriminação estética

A discriminação estética de corpos trans, segundo Carvalho (2021), refere-se a julgamentos ou críticas negativas sobre como essas pessoas se apresentam

²⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSvMnZPgoXJ/> acesso em: 03 de fev. 2023.

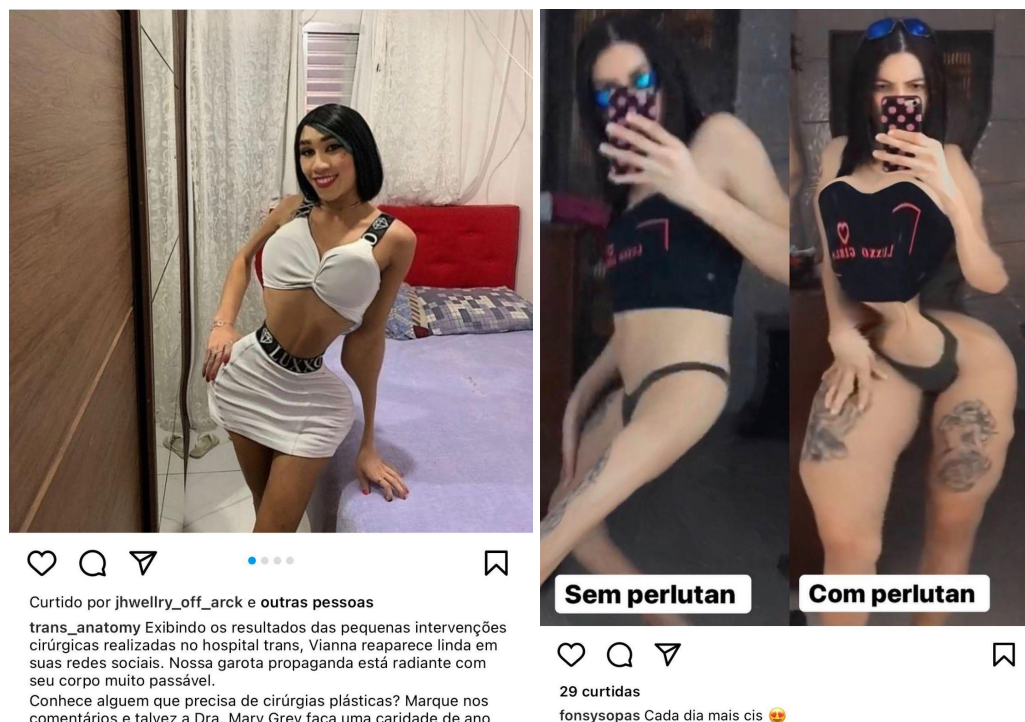
³⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CZh-54PI2-P/> acesso em: 03 de fev. 2023.

³¹ Captura de tela do que está aparecendo no display do celular ou computador.

³² A patologização de identidade de gênero e orientação sexual, é o tratamento de identidades e comportamentos que divergem da norma heteronormativa como problemas a serem curados. Esta abordagem é criticada por grupos de defesa dos direitos LGBT+ e profissionais de saúde mental por causar sofrimento e marginalização.

fisicamente. Isso pode incluir comentários sobre o aspecto físico e de aparência. Esta discriminação tem impacto profundo na autoestima e na autoimagem das pessoas trans, além de aumentar o risco de exclusão social.

Figuras 13 e 14 - Memes Vianna e Aghata Nunes



Fontes: Perfil no Instagram @trans_anatomy³³ e @fonsysopas³⁴

Na Figura 13, temos um meme de Vianna, publicado pelo perfil *trans_anatomy*. A imagem, com corpo visivelmente distorcido e o rosto artificial, tem a intenção de provocar uma aparência considerada feminina, sendo descrita da seguinte forma: “Exibindo os resultados das pequenas intervenções cirúrgicas realizadas no hospital trans, Vianna reaparece linda em suas redes sociais. Nossa garota propaganda está radiante com seu corpo muito passável. Conhece alguém que precisa de cirurgias plásticas? Marque nos comentários e talvez a Dra. Mary Grey faça uma caridade de ano novo”.

De acordo com Bruna Benevides (2022), a discriminação estética e a aparência não-normativa são fatores de alto risco para a violência contra trans e travestis. O meme em questão (Figura 13) utiliza do humor irônico, tentando colocar o corpo de Vianna mais “aceitável” e deixá-lo dentro dos padrões da sociedade cisgênero, dessa maneira não seria visto como uma forma de

³³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYM0dQwFoaH/> acesso em: 04 de fev. 2023.

³⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CS2TcmllJ_U/ acesso em: 04 de fev. 2023.

preconceito/discriminação, já que, dessa forma estaria ajudando a torna-lo “aceitável” ou “passável”, através de “intervenções cirúrgicas”.

Já a Figura 14 é conformada por um meme do perfil *fonsysopas*, em uma imagem claramente distorcida de Aghata Nunes, junto das seguintes frases: “Sem perlutan, com perlutan”; “cada dia mais cis”. Perlutan é um anticoncepcional que possui estrogênio em sua composição, hormônio utilizado por mulheres trans em transição hormonal. O meme (Figura 14) enfatiza a imagem trans como algo distorcido e utiliza do tom de ironia não para relacioná-la a uma pessoa cada dia mais “cisgênero”, mas para sugerir pejorativamente que ela nunca será uma cis.

Dentro desse contexto, Renata Carvalho (2021) interpela que a falta de respeito, à exclusão social e a demonização dos corpos trans/travestis são resultados diretos da forma como o discurso público retrata esses corpos: perversos, imorais e sem alma; algo que precisa ser curado, combatido e corrigido. Esta postura desrespeita a dignidade e a existência das pessoas trans/travestis e as coloca em risco constante.

Considerações finais

A partir de uma análise de cunho exploratório dos acervos de memes no Instagram, buscamos mostrar como a transfobia recreativa é construída de modo desumanizar as identidades trans/travestis. Defendemos que essas piadas reforçam estereótipos que desumanizam essas pessoas e as colocam em posições inferiorizadas e objetificadas. No dia a dia, isso se transforma em agressões verbais e físicas contra a população trans/travesti, “o que torna a vida em sociedade uma fonte de ameaça constante” (MOREIRA, 2019).

O humor transfóbico é desrespeitoso, gera a discriminação, exclusão social e cria estereótipos negativos de corpos trans/travestis. O discurso de ódio e as ideologias trans-excludentes estão diretamente relacionados ao tratamento desses corpos pela sociedade, que são vistos como algo perverso, sem valor, imoral e condenável. Dessa maneira, a desqualificação de corpos trans/travestis dão a ideia de precisam ser curados, combatidos e corrigidos, sendo as abordagens humorísticas uma forma de camuflar os crimes de transfobia em nome do riso e da liberdade de expressão.

Nas análises, observamos que a discriminação estética de corpos trans que não estão nos padrões cisgeneros da sociedade reforçam estereótipos negativos,

depreciando e ridicularizando essas pessoas, em representações extramamente violentas e que incintam o ódio, a repulsa e a ideia de que as pessoas transgêneros, suas aparências e seus compartamentos não cabem na sociedade cis. Enfatizamos que essas narrativas, estereótipos e arquétipos representados nos memes impactam não só a saúde mental como a própria existência dessas pessoas em sociedade. Naturalizar esses estereótipos é perpetuar violências simbólicas, potencializadoras de reações que vão desde a indiferença até o ódio explícito. Além disso, esse processo gera efeitos significativos na vida dessas pessoas, reforçando a exclusão, a marginalização, a negação do direito de acesso a políticas públicas e até mesmo impulsionando as ameaças a direitos fundamentais, como o direito à vida e à liberdade.

A sociedade está em constante processo de aprendizado, ampliar a visibilidade de pessoas transexuais e travestis por meio de pesquisas acadêmicas é um caminho para a (re)construção de outro imaginário social e de novas narrativas. Este artigo será enviado para Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) para viabilizar uma mobilização na remoção dos perfis apresentados nesta pesquisa, bem como de outros que possam apresentar conteúdo semelhante.

Referências Bibliográficas

AMARAL, A.; BARBOSA, C.; POLIVANOV, B. **Subculturas, re(a)apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da fanpage “Gótica Desanimada” no Facebook**. Disponível em:

<<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21219/11540>> Acesso em 29 jan. 2023.

ANTRA. **DOSSIÊ: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2020**, Brasília. 2021 Disponível em:

<<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

ANTRA. **DOSSIÊ: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2021**, Brasília. 2022 Disponível em:

<<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/01/dossieantra2022-web.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2022.

BENEVIDES, Bruna. Dossiê Assassinatos e Violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022. Disponível em:

<<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>> Acesso em 28 jan. 2023.

BENEVIDES, Bruna. **A epidemia crescente de transfobia nos feminismos** (2021). Disponível em: <<https://brunabenevidex.medium.com/a-epidemia-crescente-de-transfobia-nos-feminismos-bbb0a40ea8d0>> Acesso em 27 jan. 2023.

CAMPOS, Dafne. **Transgeneridade e feminilidade: uma etnografia acerca do que é ser mulher**. 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/view/2032/802>>. Acesso em: 08 fev. 2023.

CHAGAS, V. (2020). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador, BA: Edufba.

CNS. A transfobia adoece e mata. Temos que nos comprometer com a vida. 22 jan. 2022. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2312-a-transfobia-adoece-e-mata-temos-que-nos-comprometer-com-a-vida-diz-conselheiro-de-saude-no-dia-nacional-da-visibilidade-trans>> - Acesso em: 29 jan. 2023.

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**; trad. Geraldo H. M. Florsheim. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2001.

DIAS, Tatiana. **Crimes explodem no Facebook, Youtube, Twitter e Instagram durante a pandemia**. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/08/24/odio-pornografia-infantil-explodem-twitter-facebook-instagram-youtube-pandemia/>>. Acesso em: 17 jan. 2023

GOVERNO FEDERAL. **Lei n. 14.532**, de 11 de janeiro de 2023. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14532.htm#art1> Acesso em: 09 fev. 2023.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/18420>>. Acesso em: 22 dez. 2022.

JESUS, Jaqueline. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos**, Brasília. 2012 Disponível em: <<https://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>> Acesso em: 22 dez. 2022.

LEAL DA SILVA, Rosane et al. **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira**. Revista Direito–GV, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 445-468, jul./dez. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1808-24322011000200004>>. Acesso em: 17 dez. 2022.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo** / Adilson Moreira. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro);

OLIVEIRA, Marcelo. Denúncias de neonazismo à Safernet aumentam 60% em um ano. **Safernet**, Disponível em: <<https://new.safernet.org.br/content/denuncias-de-neonazismo-safernet-aumentam-60-em-um-ano>> Acesso em: 17 jan. 2023.

PEDRA, Caio. DIREITOS LGBT: A **LGBTfobia estrutural na arena jurídica**. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-BAMK3R/1/disserta_o_caio_pedra_a_vers_o_final.pdf> Belo Horizonte. 2018. Acesso em: 23 dez. 2022.

PORTO, Lilian Mara Dal Cin. **Memes: construção de sentidos e efeito de humor**. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21796>> São Paulo. 2018. Acesso em: 07 fev. 2023.

Porto Editora. **Culturalismo na infopédia**. Porto Editora, 2023. Disponível em <[https://www.infopedia.pt/\\$culturalismo](https://www.infopedia.pt/$culturalismo)> Acesso em: 09 fev. 2023.

SHIFMAN, L. (2014). **Memes in Digital Culture**. MIT Press.

Supremo Tribunal Federal. **STF enquadra homofobia e transfobia como crimes de racismo ao reconhecer omissão legislativa**. Supremo Tribunal Federal, 2019. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>> Acesso em: 27 jan. 2023.

TENÓRIO, L.F.P.; PRADO, M.A.M. **As contradições da patologização das identidades trans**. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/download/17175/1133>> Acesso em: 09 fev. 2023.

UOL, **Aumento do número de suicídios entre a população trans preocupa ativistas**. UOL, São Paulo, 9 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/09/09/aumento-do-numero-d-e-suicidios-entre-populacao-trans-preocupa-ativistas.htm>> Acesso em: 29 jan. 2023.

VASCONCELLOS, Maria D.. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 78, Abril, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/kDqCgM8Svv4XpskKMMV5DZPN/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2023.